



Notícias rompem com o silenciamento das fontes indígenas

Patrícia KOLLING¹

Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA)

INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta reflexões parciais da tese de doutorado “NOTÍCIAS DO MOVIMENTO INDÍGENA BRASILEIRO: Análise de conteúdo da produção da Apib e Coiab na pandemia da Covid-19”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por esta autora, em outubro de 2022. O trabalho analisou 117 notícias das editorias de Saúde, Território e Meio Ambiente, produzidas e veiculadas nos sites das duas principais organizações do movimento indígena brasileiro, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). Levantou-se dados quantitativos e qualitativos sobre pautas, fontes, critérios de noticiabilidade, temáticas e posicionamento das organizações indígenas. O objetivo principal do trabalho foi compreender como as organizações do movimento indígena se manifestam nas notícias que produzem, refletindo sobre a construção de diferentes conhecimentos nas relações interétnicas no Brasil. Buscou-se analisar a importância da comunicação do e para o movimento indígena, suas temáticas e seus posicionamentos. Pautou-se a proposta metodológica na Análise do Conteúdo (BARDIN).

O desenvolvimento do trabalho permitiu perceber a importância da comunicação, realizada pelas organizações do movimento indígena, na pluralidade de informações e na

¹ KOLLING, Patrícia. Doutora em Comunicação pelo PPGCOM/ UFRGS. Professora do Curso de Jornalismo da UFMT – Campus Universitário do Araguaia. E-mail: patikolling@gmail.com



democratização do jornalismo na sociedade brasileira. A valorização das fontes indígenas foi um dos aspectos estudados, sob o qual esse resumo irá refletir.

Quantidade e diversidade de fontes

No processo de apuração das notícias, o jornalista recorre às fontes, pessoas que ele observa ou entrevista e que fornecem informações para a construção das notícias. As fontes são reconhecidas pela sua autoridade, produtividade e credibilidade (TRAQUINA, 2005). Para a produção das notícias e reportagens os jornalistas estabelecem com as fontes relações de interdependência, de confiança e de troca. Há, porém, diferentes tipos de acesso dos jornalistas às fontes e delas aos jornalistas. Portanto, a aproximação entre as fontes indígenas e os jornalistas é um aspecto fundamental para a inserção e adequada abordagem das pautas indígenas na grande imprensa brasileira. Por isso, um dos aspectos levantados na tese foi a frequência com que as fontes indígenas são citadas nas notícias produzidas pelas duas organizações.

Através do levantamento quantitativo de fontes indígenas e não indígenas nas notícias, identificamos que 60% dos 75 textos da Apib não citavam nenhuma fonte, 20% traziam fontes indígenas, 8% traziam fontes indígenas e não indígenas e 12% fontes não indígenas. A Apib trouxe 15 fontes indígenas diferentes (citadas 32 vezes). Entre as fontes identificadas 04 delas eram integrantes da direção da Apib, 07 eram representantes de outras organizações indígenas e 04 eram fontes cidadãs, ou seja, pessoas de comunidades indígenas que não ocupam cargo de liderança. As 14 fontes não indígenas foram citadas 17 vezes.

As notícias da Apib também citaram muitas fontes documentais de informação, entre elas documentos produzidos pelas próprias organizações indígenas, como os relatórios com dados da pandemia da Covid-19 entre os povos indígenas, elaborados pelo Comitê Nacional pela Vida e Memória Indígena, da Apib, citados em 20 textos. É importante considerar que os dados sobre indígenas mortos e infectados pela Covid-19,



produzidos pela Apib e suas organizações apoiadoras, tornaram-se referência para a grande imprensa brasileira. Já nos primeiros meses da pandemia, a imprensa deixou de utilizar os números repassados pelo Ministério da Saúde, para citar os dados coletados e organizados pelo movimento indígena.

Já nos 42 textos analisados da Coiab, identificamos que 48% apresentavam fontes indígenas; 26% tinham fontes indígenas e não indígenas; 24% eram sem fontes, e 2% tinham fontes não indígenas. Foram 30 fontes indígenas citadas 46 vezes e 13 fontes não indígenas citadas 14 vezes. Das 30 fontes indígenas citadas, 12 eram representantes da Coiab e Apib, 15 eram lideranças, caciques, coordenador, presidente ou assessor de alguma organização e três eram consideradas fontes cidadãos.

Os textos produzidos pela Coiab trouxeram também fontes documentais, tais como: notas de organizações indígenas, relatórios, portarias, planos de vacinação, dados do IBGE. Dez textos trouxeram dados da pandemia, com números de indígenas infectados e mortos pela Covid-19, levantados pela própria Coiab.

Esse levantamento permitiu identificar que as organizações estudadas estão valorizando as fontes indígenas e dando a elas espaço para exporem suas perspectivas e opiniões. Conseqüentemente, como destaca Maldonado-Torres, possibilitando a emergência de um outro discurso e de uma forma de pensar. Dar possibilidade aos indígenas de serem fontes nas matérias jornalísticas referentes as suas temáticas é romper com um padrão colonial, que, por muito tempo, invisibilizou os povos indígenas, e com um padrão hegemônico de fazer jornalismo, que não costuma ouvir indígenas, como identificado no Estado da Arte (KOLLING, 2022).

Identificamos que a maioria das fontes citadas eram lideranças das próprias organizações. Também foram citadas lideranças de terras indígenas, aldeias e de organizações estaduais (fontes oficiais). A valorização das fontes oficiais – aquelas que ocupam posição de autoridade em alguma organização - na busca da qualidade, quantidade e credibilidade da informação, é uma das características da prática jornalística.



Portanto, ao escolher essas como principais fontes de seus textos, acreditamos que a Apib e Coiab visam atender uma “padronização” jornalística, no intuito de transmitir credibilidade as suas informações e despertar interesses dos meios jornalísticos hegemônicos e não-hegemônicos. Como já destacado, estabelecer laços e relações entre jornalistas e as fontes indígenas é importante para que as organizações e as questões indígenas ganhem representatividade nas mídias jornalísticas.

Nos textos da Apib, apenas quatro, e, nos textos da Coiab, três fontes podem ser consideradas fontes cidadãs, ou seja, que não são autoridades ou especialistas no assunto, mas que vivenciam no cotidiano os problemas e acontecimentos. Considerando que as notícias estudadas foram produzidas por uma organização de um movimento social, inserida num contexto de comunicação alternativa, contra hegemônica vinculada às classes populares, acreditamos que as fontes cidadãs, ligadas às comunidades indígenas e aos seus conhecimentos ancestrais, espirituais e tradicionais poderiam ter sido mais valorizadas, no intuito de trazer um diferencial social e cultural para as notícias.

Uma análise comparativa das duas organizações nos permitiu identificar que a Coiab citou mais fontes indígenas do que a Apib e apresentou mais diversidade de fontes. Acreditamos que esse aspecto é reflexo das características das organizações: a Coiab é uma organização regional, mais próxima das comunidades e das organizações de base, enquanto a Apib é uma organização de articulação nacional criada para tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado brasileiro o atendimento de demandas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises indicam a quebra de uma cultura de silenciamento dos povos indígenas, imposta desde 1500, quando os europeus chegaram ao Brasil. A perspectiva colonial de uma raça superior que domina e a de uma raça inferior que é dominada se altera quando os povos indígenas retomam o direito de falar por si, de apresentar a sua versão dos fatos, mostrando-se capazes de discutirem os assuntos de seus interesses, ou



seja, serem protagonistas da sua história. “Já chega das pessoas contarem para a gente o que nós somos, o que nós sabemos, tentar contar a nossa história, sabendo que nós mesmos podemos ser protagonistas, que nós mesmos podemos mostrar o que está acontecendo com o nosso povo, nossa cultura, nossa identidade”, destaca a indígena Samela Sateré Mawé (2021).

Ter as fontes indígenas falando nas notícias das organizações é uma forma de mostrar quem é o indígena na atualidade: aquele que ocupa espaços na sociedade, luta por seus direitos; busca profissionalização; mora na aldeia ou na cidade; utiliza as tecnologias como ferramenta de comunicação e luta; participa de rituais; fala sua própria língua, e também português, inglês e tantas outras. A presença das fontes indígenas reforça a autonomia desses povos, rompendo com o paradigma do “indígena tutelado” e com os paradigmas da colonialidade do poder, do saber e do ser.

Acreditamos que este movimento possa estar contribuindo para estruturação, nos meios jornalísticos, de novos guias de fontes, com a inclusão de nomes indígenas. Conseqüentemente, a valorização das fontes indígenas, pode significar daqui para a frente, uma mudança nas características das matérias jornalísticas dos meios de comunicação brasileiros, os quais devem passar a acessar mais os indígenas para falar de suas questões. Certamente, as facilidades tecnológicas e as relações estabelecidas com as assessorias de comunicação são também importantes para aproximar fontes indígenas e jornalistas.

Neste sentido, podemos refletir como as notícias produzidas pelo movimento indígena, pela valorização das fontes e outros aspectos estudados, podem estar contribuindo para a construção de novos conhecimentos na relação entre os povos indígenas e os não indígenas, na busca de uma outra ordem mundial, onde mundos diferentes possam coexistir, e em que as diferentes concepções de tempo, espaço e subjetividades possam conviver e se relacionar.

REFERÊNCIAS



BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2010.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomás. Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido. a Orientação do Homem. Rio de Janeiro: Vozes, 3. ed., 2012.

KOLLING, Patrícia. Notícias do movimento indígena brasileiro: análise de conteúdo da produção da Apib e Coiab na pandemia da Covid-19. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). UFRGS, 2022, 224p.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Unisinos, janeiro/abril 2009.

SATERÉ MAWÉ, Samela. Povos Indígenas em Diálogo: Etnocomunicação como ferramenta de luta contra a agenda anti-indígena. Aba Antropologia. Live realizada em 28 de julho de 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2953823918210795. Acesso em: 10 ago. 2022

TORRES, Nelson Maldonado. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSGOUEL, Ramón (Org.) Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte (MG): Autentica, 2019.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Volume 2: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed., Florianópolis: Insular, 2008. TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Volume I: Porque as notícias são como são. 2. ed., Florianópolis: Insular, 2005